

Uma introdução aos Estudos Culturais

1 Antecedentes

ESTE TRABALHO TEM POR objetivo apresentar a tradição dos *cultural studies*,¹ especialmente, àqueles que se iniciam no estudo das teorias da comunicação. Assim, é preciso percorrer a trajetória desta tradição, dos seus antecedentes até os contornos que este campo de estudos assume na atualidade. Ressalta-se que, neste momento, esta incursão é apenas brevemente delineada devido ao propósito inicial deste texto, embora estejam indicadas inúmeras referências bibliográficas que servem de pistas para preencher as lacunas deste percurso.

É necessário estabelecer, também, um recorte dentro deste vasto empreendimento diversificado e controverso dos estudos culturais. Nossa discussão limita-se a recuperar posições e trabalhos que lidam com a relação cultura/comunicação massiva e dentro desta, aqueles que enfocam produtos da cultura popular (considerados através da categoria *texto*²) e suas audiências.

Se originalmente os estudos culturais foram uma invenção britânica, hoje, na sua forma contemporânea, transformaram-se num fenômeno internacional. Os estudos culturais não se confinaram na Inglaterra nem nos Estados Unidos, espalhando-se para a Austrália, Canadá, África, América Latina, entre outros territórios. Isto não significa, no entanto, que exista um corpo fixo de conceitos que pode ser transportado de um lugar para o outro e que opere de forma similar em contextos nacionais ou regionais diversos.³

Entretanto, as peculiaridades do contexto histórico britânico, abrangendo da área política ao meio acadêmico, marcaram indelevelmente o surgimento deste movimento teórico-político. Originalmente, na Inglaterra, os estudos culturais ressaltaram os nexos existentes entre investigação e for-

Ana Carolina D. Escosteguy
Mestre em Comunicação - ECA/USP
Professora da FAMECOS/PUCRS

mações sociais onde se desenrola a mesma, isto é, o contexto cultural onde nos encontramos.⁴

Neste momento nosso objetivo é esboçar apenas alguns traços de sua trajetória histórica.⁵ Em primeiro lugar, deve-se acentuar o fato de que os estudos culturais devem ser vistos tanto do ponto de vista político, na tentativa de constituição de um projeto político, quanto do ponto de vista teórico, isto é, com a intenção de construir um novo campo de estudos. Do ponto de vista político, é sinônimo de “correção política”,⁶ podendo ser identificado como a política cultural dos vários movimentos sociais da época de seu surgimento. Da perspectiva teórica, resultam da insatisfação com os limites de algumas disciplinas, propondo, então, a interdisciplinaridade.

“Os estudos culturais não configuram uma ‘disciplina’ mas uma área onde diferentes disciplinas interatuam, visando o estudo de aspectos culturais da sociedade.” (Hall et al. 1980: 7)

A área, então, segundo um dos seus promotores, não se constitui numa nova disciplina mas resulta da insatisfação com algumas disciplinas e seus próprios limites. É um campo de estudos onde diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea.

Em análises que tentam mapear o centro de atenção deste campo, encontramos a seguinte avaliação:

“Estudos culturais é um campo interdisciplinar onde certas preocupações e métodos convergem; a utilidade dessa convergência é que ela nos propicia entender fenômenos e relações que não são acessíveis através das disciplinas existentes. Não é, contudo, um campo unificado.” (Turner 1990: 11)

Entretanto, é preciso ressaltar que, na sua fase inicial, os fundadores desta área de

pesquisa tentaram não propagar uma definição absoluta e rígida de sua proposta. Nas palavras de Stuart Hall, o órgão de divulgação do Centro – *Working Papers in Cultural Studies*⁷ – não deveria preocupar-se em “... ser um veículo que defina o alcance e extensão dos estudos culturais de uma forma definitiva ou absoluta. Nós rejeitamos, em resumo, uma definição descritiva ou prescritiva do campo” (Hall 1980: 15).

Este campo de estudos surge, então, de forma organizada, através do *Center for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), diante da alteração dos valores tradicionais da classe operária da Inglaterra do pós-guerra.

Inspirado na sua pesquisa, *As utilizações da cultura* (1957), Richard Hoggart funda em 1964 o Centro. Este surge ligado ao English Department da Universidade de Birmingham, constituindo-se num centro de pesquisa de pós-graduação desta mesma instituição. As relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como, suas relações com a sociedade e mudanças sociais, compõem seu eixo principal de pesquisa.

Na realidade, são três textos que surgiram nos final dos anos 50 que estabeleceram as bases dos estudos culturais: Richard Hoggart com *The uses of literacy* (1957), Raymond Williams com *Culture and society* (1958) e E. P. Thompson com *The making of the english working-class* (1963).

O primeiro é em parte autobiográfico e em parte história cultural do meio do século XX. O segundo constrói um histórico do conceito de cultura, culminando com a idéia de que a “cultura comum ou ordinária” pode ser vista como um modo de vida em condições de igualdade de existência. E o terceiro reconstrói uma parte da história da sociedade inglesa.

Especialmente, para este estudo interessa a pesquisa realizada por Hoggart⁸ na medida em que seu foco de atenção recai sobre materiais culturais, antes desprezados, da cultura popular e dos *mass media*, através de metodologia qualitativa. Este

trabalho inaugura o olhar de que no âmbito popular não existe apenas submissão mas, também, resistência o que, mais tarde, será recuperado pelos estudos de audiência dos meios massivos.⁹ No entanto, o tom nostálgico aflora em relação a uma cultura orgânica da classe trabalhadora.

A contribuição teórica de Williams¹⁰ é fundamental para os estudos culturais a partir de *Culture and society*. Através de um olhar diferenciado sobre a história literária, ele mostra que a cultura é uma categoria-chave que conecta tanto a análise literária quanto a investigação social. Seu livro *The long revolution* (1962) avança na demonstração da intensidade do debate contemporâneo sobre o impacto cultural dos meios massivos, mostrando um certo pessimismo em relação à cultura popular e aos próprios *media*.

É o próprio Stuart Hall que avalia a importância deste texto:

“It shifted the whole ground of debate from a literary-moral to an anthropological definition of culture. But it defined the latter now as the ‘whole process’ by means of which meanings and definitions are socially constructed and historically transformed, with literature and art as only one, specially privileged, kind of social communication.” (Hall apud Turner 1990: 55)

Essa mudança no entendimento de cultura fez possível o desenvolvimento dos estudos culturais.

Em relação à contribuição de Thompson,¹¹ pode-se dizer que este influencia o desenvolvimento da história social britânica, de dentro da tradição marxista. Para ambos, Williams e Thompson, cultura era uma rede vivida de práticas e relações que constituíam a vida cotidiana dentro da qual o papel do indivíduo estava em primeiro plano. Mas, de certa forma, Thompson resistia ao entendimento de cultura enquanto uma forma de vida global. No seu lugar, preferia entendê-la enquanto uma luta en-

tre modos de vida diferentes.

Sobre a importante participação de Stuart Hall¹² na formação dos *cultural studies*, avalia-se que este ao substituir Hoggart na direção do Centro, de 1969 a 1979, incentivou o desenvolvimento de estudos etnográficos, análises dos meios massivos e a investigação de práticas de resistência dentro de subculturas. Tem uma abundante produção de artigos, sendo que sua reflexão faz parte da maioria dos “readers” sobre estudos culturais, sejam eles publicados pelo próprio Centro ou não.

A proposta original dos *cultural studies* é considerada por alguns como mais política do que analítica. Embora sustentasse um marco teórico específico – amparado principalmente no marxismo, a história deste campo de estudos está entrelaçada com a trajetória da *New Left*, de alguns movimentos sociais (*Worker’s Educational Association*, *Campaign for Nuclear Disarmament*) e de publicações – entre elas, a *New Left Review* – que surgiram em torno de respostas políticas à esquerda.

Mais tarde, no período pós-68, transformaram-se numa força motriz da cultura intelectual de esquerda. Assim, enquanto movimento intelectual teve um impacto teórico e político que foi além dos muros acadêmicos, pois, na Inglaterra, constituíram-se numa questão de militância e num compromisso com mudanças sociais radicais.

2 Os deslocamentos necessários

De forma sintética, é preciso apontar as rupturas e incorporações mais importantes que contribuíram na construção da perspectiva teórica e das principais problemáticas desta tradição. Aproximando-se do vasto campo das práticas sociais e dos processos históricos, os *cultural studies* preocuparam-se, em primeira mão, com os produtos da cultura popular e dos *mass media* que expressavam os rumos da cultura contemporânea.

Tentaram redescobrir outras tradições teóricas sociológicas, deixando de lado o estruturo-funcionalismo norte-americano, pois este não dava conta de compreender as temáticas propostas. Acompanhando um movimento de resgate, iniciado dentro mesmo da sociologia (na Inglaterra do período em foco), foram sendo recuperadas, entre outras aproximações, as perspectivas da fenomenologia, da etnometodologia e do interacionismo simbólico.

Do ponto de vista metodológico, a ênfase recaiu, mais tarde, no trabalho qualitativo. Este exerceu uma forte influência na formação dos *cultural studies*. A escolha por trabalhar etnograficamente deve-se ao fato de que o interesse incide nos valores e sentidos vividos. O estudo etnográfico acentua a importância nos modos pelos quais os atores sociais definem por eles próprios as condições em que vivem.¹³

Com a extensão do significado de cultura de textos e representações para práticas vividas, considera-se em foco toda produção de sentido. O ponto de partida é a atenção sobre as estruturas sociais (poder) e o contexto histórico enquanto fatores essenciais para a compreensão da ação dos meios massivos, assim como, o despreendimento do sentido de cultura da sua tradição elitista para as práticas cotidianas.

Então, o primeiro deslocamento direciona-se no sentido de uma nova formulação do sentido de cultura:

“Broadly speaking, two steps were involved here: first, the move (to give it a too-condensed specification) to an ‘anthropological’ definition of culture – as cultural practices; second, the move to a more historical definition of cultural practices: questioning the anthropological meaning and interrogating its universality by means of the concepts of social formation, cultural power, domination and regulation, resistance and struggle. These moves did not exclude the analysis of texts, but it treated them as archives,

decentring their assumed privileged status – one kind of evidence, among others.” (Hall 1980: 27)

Os estudos culturais atribuem à cultura um papel que não é totalmente explicado pelas determinações da esfera econômica. A relação entre marxismo e *cultural studies* se inicia e se desenvolve através da crítica de um certo reducionismo e economicismo desta perspectiva, resultando na contestação do modelo base-superestrutura. A perspectiva marxista contribuiu para os estudos culturais no sentido de compreender a cultura na sua “autonomia relativa”, isto é, ela não é dependente e nem é reflexo das relações econômicas, mas tem influência e sofre consequências das relações político-econômicas. Como Althusser argumentava, existem várias forças determinantes – econômica, política e cultural – competindo e em conflito entre elas, compondo a complexa unidade – a sociedade.

A questão da relação entre práticas culturais e outras práticas em formações sociais definidas, isto é, a relação do cultural com o econômico, político e instâncias ideológicas, pode ser considerada enquanto um segundo deslocamento importante na construção desta tradição. A contribuição de Althusser neste sentido foi importante.

“Crudely, the important innovation was the attempt to think the ‘unity’ of a social formation in terms of an articulation. This posed the issues of the ‘relative autonomy’ of the cultural-ideological level and a new concept of social totality: totalities as complex structures.” (Hall 1980: 32)

Outra incorporação, extremamente cara a este campo, diz respeito ao conceito de ideologia, proposto por Althusser. Esta é vista enquanto “provedora de estruturas de entendimento através das quais os homens interpretam, dão sentido, experienciam e ‘vivem’ as condições materiais nas quais eles próprios se encontram”. (Hall 1980: 32)

Além disso, a ideologia deve ser examinada “não só na linguagem, nas representações mas, também, nas suas formas materiais – nas instituições e nas práticas sociais através das quais nós organizamos e vivemos nossas vidas” (Turner, op. cit., p. 26).

Nesta primeira etapa dos estudos culturais, ainda plenamente concentrada na Escola de Birmingham, a pesquisa estava delimitada, principalmente, nas seguintes áreas: as subculturas, as condutas desviantes, as sociabilidades operárias, a escola, a música e a linguagem. “É através da conversão mais explícita em problemática dos desafios vinculados à ideologia e aos vetores de um trabalho hegemônico que os meios de comunicação social, especialmente, os audiovisuais, aos que se havia dedicado até o momento um interesse acessório, chegam a ocupar paulatinamente um lugar destacado” (Mattelart e Neveau 1997: 122) enquanto temática deste campo de estudos.

Discordando do entendimento dos meios de comunicação de massa (MCM) como simples instrumentos de manipulação e controle da classe dirigente, os estudos culturais compreendem os produtos culturais como agentes da reprodução social, acentuando sua natureza complexa, dinâmica e ativa na construção da hegemonia.

Nesta perspectiva são estudadas as estruturas e os processos através dos quais os MCM sustentam e reproduzem a estabilidade social e cultural. Entretanto, isto não se produz de forma mecânica, senão “adaptando-se” continuamente às pressões e às contradições que emergem da sociedade, e “englobando-as” e “integrando-as” no próprio sistema cultural.

A contribuição de Antonio Gramsci é, aqui, fundamental, pois mostra como a mudança pode ser construída dentro do sistema. A teoria da hegemonia gramsciana pressupõe a conquista do consentimento. O movimento de construção da direção política da sociedade pressupõe complexas interações e empréstimos entre as culturas populares e a cultura hegemônica.

Com isto o que se quer dizer é que não

existe um confronto bipolar e rígido entre as diferentes culturas. Na prática o que acontece é um sutil jogo de intercâmbios entre elas. Elas não são vistas como exteriores entre si mas comportando cruzamentos, transações, intersecções. Em determinados momentos a cultura popular resiste e impugna a cultura hegemônica, em outros reproduz a concepção de mundo e de vida das classes hegemônicas.

Quanto às linhas de pesquisa, implementadas pelos estudos culturais, interessantes, sobretudo, aquela que se detem sobre o consumo da comunicação de massa enquanto lugar de negociação entre práticas comunicativas extremamente diferenciadas – esta será adiante comentada.

É claro que, aqui, relatamos de forma bastante sumária o espectro teórico proposto pelos estudos culturais, principalmente, na década de 70, isto é, no seu período de afirmação. Referimo-nos apenas a pontos-chave que mostram a influência de diferentes teóricos.

De forma sintética, pode-se entender o centro de Birmingham, da sua fundação ao início dos anos 80, como foco irradiador de uma plataforma teórica derivada de importações e adaptações de diversas teorias; como promotor de uma abertura a problemáticas antes desconsideradas como as relacionadas às culturas populares e aos meios de comunicação de massa e, mais tarde, a questões vinculadas às identidades étnicas e sexuais; e como divulgador de estudos bastante heterogêneos decorrentes da diversidade de referências teóricas, assim como, da pluralidade das temáticas estudadas.

No final dos setenta/início dos 80, as coisas começam a mudar. Desponta a influência de teóricos franceses como Michel De Certeau, Michel Foucault, Pierre Bourdieu, entre outros. Dá-se a internacionalização dos estudos culturais. Tornam-se escassas as análises onde as categorias centrais são “luta” e “resistência” e, para alguns analistas, é o início da despolitização dos estudos culturais. A prolífica produção de balanços

críticos, publicados a partir de 1990, aponta, em alguns casos, para a fragmentação e trivialização deste campo de estudos, embora seja possível detectar tanto aspectos estereis quanto potencialidades na sua proposta de análise da dinâmica cultural contemporânea.

3 Contornos da atualidade

É interessante notar as diferenças entre os “primeiros” estudos culturais e os dos anos 90. Identifica-se uma primeira fase embrionária que se inicia com os textos precursores, já citados, passando para a instalação do Centro de Birmingham e sua abundante produção até o final dos anos 70/início dos 80, numa etapa de consolidação, e uma terceira fase, de internacionalização, de meados dos oitenta até os dias de hoje.

No primeiro momento, havia uma forte relação com iniciativas políticas, pois existia uma intenção de compartilhar um projeto político. Se pretendia, também, uma relação com diversas disciplinas para a observação sistemática da cultura popular, assim como, com diversos movimentos sociais.

Já nesta década, há um relaxamento na vinculação política. O sentido de que se está analisando algo “novo”, também não existe mais. Mas, ao contrário, do que se possa pensar, existe sim uma continuidade nos estudos culturais, mesmo que fragmentada. “É um projeto de pensar através das implicações da extensão do termo ‘cultura’ para que inclua atividades e significados da gente comum, precisamente esses coletivos excluídos da participação na cultura quando é a definição elitista de cultura a que governa” (Barker e Beezer 1994: 12)

Retomando nosso foco de interesse mais específico, a relação cultura/ comunicação massiva e dentro desta, as problemáticas que enfocam as culturas populares e suas estratégias interpretativas, também se observam alterações no decorrer da trajetória dos estudos culturais.

No final dos anos 60, a temática da recepção e a densidade dos consumos midiáticos começam chamar a atenção dos pesquisadores de Birmingham. Este tipo de reflexão acentua-se a partir da divulgação do texto “Encoding and decoding in television discourse”, de Stuart Hall, publicado a primeira vez em 1973.¹⁴

Através de categorias da semiologia articuladas à uma noção marxista de ideologia, Hall insiste na pluralidade, determinada socialmente, das modalidades de recepção dos programas televisivos. Argumenta, também, que podem ser identificadas três posições hipotéticas de interpretação da mensagem televisiva: uma posição “dominante” ou “preferencial” quando o sentido da mensagem é decodificado segundo as referências da sua construção; uma posição “negociada” quando o sentido da mensagem entra “em negociação” com as condições particulares dos receptores; e uma posição de “oposição” quando o receptor entende a proposta dominante da mensagem mas a interpreta segundo uma estrutura de referência alternativa.

“A preocupação com o momento da recepção continua sendo fundamental em relação com duas problemáticas mais amplas. Uma delas abrange o assunto do retorno ao sujeito, a subjetividade e a inter-subjetividade enquanto a outra, se interessa pela integração das novas modalidades de relações de poder na problemática da dominação.” (Mattelart e Neveau 1997: 122)

É dessa forma que se produz o encontro, durante os anos 70, com os estudos feministas. Estes propiciaram novos questionamentos em torno de questões referentes à identidade, pois introduziram novas variáveis na sua constituição, deixando-se de “ler os processos de construção da identidade unicamente através da cultura de classe e sua transmissão geracional” (Mattelart e Neveau 1997: 123). Mais tarde, acrescenta-se às questões de gênero, as que envolvem

raça e etnia.

Em relação às pesquisas que envolvem questões de gênero, dentro mesmo do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos de Birmingham, a publicação coletiva *Women take issue*, de 1978, revela essa disposição. Autoras como Charlotte Brundson, Marion Jordon, Dorothy Hobson, Christine Geraghty e Angela McRobbie revêem suposições do senso comum sobre os meios, reivindicando que a audiência, no caso, feminina, tem autoridade sobre suas práticas de leitura.¹⁵

Na década de 80, definem-se novas modalidades de análise dos meios de comunicação. Multiplicam-se os estudos de recepção dos meios massivos, especialmente, no que diz respeito aos programas televisivos.¹⁶ Também há um redirecionamento no que diz respeito aos protocolos de investigação. Estes passam a dar uma atenção crescente ao trabalho etnográfico.

Se até este momento o estatuto de classe ainda centralizava a reflexão sobre a diversidade de percepções nas estratégias interpretativas, ponto postulado inicialmente por Stuart Hall, algumas das pesquisas empíricas dessa época apontavam para a importância do ambiente doméstico e das relações dentro da família na formação das leituras diferenciadas.¹⁷

Retornando às diferenciações entre a fase de consolidação desta tradição e o momento atual, pode-se afirmar que naquela existia uma agenda fundamental que consistia na compreensão das relações entre poder, ideologia e resistência. Nesse período, desejava-se explorar o potencial para a resistência e a significação de classe.

Já nos anos 90 a preocupação em recuperar as “leituras negociadas” dos receptores faz com que, de certa forma, se valorize a liberdade individual deste receptor e se subvalorize os efeitos da ordem social.

“El centro de atención en la ‘resistencia’, con la implicación de una oposición momentánea o estratégica, ha sido reemplazado por un énfasis en el

ejercicio del poder cultural como rasgo continuo de la vida cotidiana. Dentro del lenguaje del posmodernismo, podríamos sugerir que una intención de comprender las ‘narrativas principales’ del rechazo político ha sido reemplazada por una disposición a explorar aquellas menos evidentes – y en la superficie menos heroicas – historias de la producción ordinaria de significados.” (Barker e Beezer 1994: 16)

Assim, a agenda original foi transformando-se. No seu lugar, os *cultural studies* assumiram o papel de “testemunha”, dando voz aos significados que se fazem aqui e agora. Segundo Barker e Beezer:

“... los estudios culturales han cambiado su base fundamental, de manera que el concepto de ‘clase’ ha dejado de ser el concepto crítico central. En el mejor de los casos, ha pasado a ser una ‘variable’ entre muchas, pero frecuentemente entendido ahora como un modo de opresión, de pobreza; en el peor de los casos, se ha disuelto. Al mismo tiempo, el centro de atención principal se ha deslizado hacia cuestiones de subjetividad e identidad y hacia esos textos culturales y mediáticos que habitan en los dominios privado y doméstico, y a los cuales se dirigen. Simultaneamente, ha habido un deslizamiento hacia una metodología que restringe la interpretación a aquellos casos en los que se ve a los participantes capacitados, y que aparta la atención de las estructuras.” (1994: 25)

Simon During (1993), na introdução de um *reader* sobre os estudos culturais, avalia que, quando as identidades “clás-sistas” se dissolvem ou são consideradas menos pertinentes pelos pesquisadores, busca-se outros princípios de construção da identidade, tais como de matrizes como a da raça, do gênero, da relação com os meios de comunicação

e com o consumo.

Stuart Hall, também, reconhece este redirecionamento no campo dos estudos culturais. Mesmo que as questões em torno da subjetividade e das identidades, temáticas em foco hoje nos *cultural studies*, tenham muitos aspectos relevantes, Hall considera esta tendência socialmente estreita.

“Nos primeiros tempos, talvez nós falássemos demasiado sobre a classe trabalhadora e sobre subculturas. Agora, ninguém fala mais sobre isso. Eles falam sobre si próprios, sua mãe, seu pai, seus amigos, e isso é uma experiência muito seletiva especialmente em relação às classes. (Morley e Chen 1996: 18)

Existem outros eixos importantes de serem avaliados na etapa presente dos estudos culturais. Entre eles estaria a discussão sobre a pós-modernidade ou a “nova era” (no original, *new times*) como é proposto por Hall, a globalização, a força das migrações e o papel do Estado-nação e da cultura nacional e suas repercussões sobre o processo de construção das identidades. No entanto, estes fogem do propósito inicial deste trabalho de iniciação aos estudos culturais •

Notas

- 1 A partir deste momento, usaremos para esta tradição britânica a denominação *cultural studies* e *estudos culturais*, indistintamente.
- 2 Os *cultural studies* difundiram o conceito de “texto” como além das grandes obras, incluindo aí a cultura popular e as práticas sociais cotidianas.
- 3 Sobre a “internacionalização” ou “globalização” dos *cultural studies*, ver, por exemplo, Simon DURING (ed) *The Cultural Studies Reader*, London, Routledge, 1993; D. MORLEY and Kuan-Hsing CHEN (eds) *Stuart Hall: Critical Dialogues in Cultural Studies*, London, Routledge, 1996; ANG, Ien e MORLEY, David (1989) “Mayonnaise culture and other european follies” in *Cultural Studies*, vol. 3, n. 2.
- 4 Ver, por exemplo, DAVIES, Ioan (1995) *Cultural Studies and beyond: Fragments of empire*, London/New York, Routledge; ANG, Ien e MORLEY, David (1989) “Mayon-naise culture and other european follies” in *Cultural Studies*, vol. 3, n. 2; BARKER, Martin e BEEZER, Anne (1994) “Qué hay en un texto?” in BARKER, Martin e BEEZER, Anne (eds) *Introducción a los estudios culturales*, Barcelona, Bosch Casa Editorial; HALL, S., HOBSON, D., LOWE, A. and WILLIS, P. (1980) *Culture, media, language*, London/New York, Routledge and Centre Contemporary Cultural Studies.
- 5 Aponta-se como precursora dos *cultural studies* uma problemática de estudos conhecida como “Cultura e Sociedade” que surge em torno de 1870, na Inglaterra. Reúne autores tão distintos como Matthew Arnold, John Ruskin e Williams Morris. Entretanto, os três compartilham uma atitude crítica em relação à sociedade moderna. Estigmatizam o século XIX como aquele onde triunfou o “mau gosto” da “sociedade de massa” e a “pobreza de sua cultura”. Estes intelectuais, entre outros, se adiantam nas críticas contra as consequências culturais do advento da civilização moderna.
A sociedade vitoriana está naquele momento na vanguarda no que diz respeito ao nascimento das formas culturais vinculadas ao sistema industrial. Já na segunda metade do século XIX se travam as primeiras discussões em torno da regulação de um tipo de atividade como a da publicidade, sendo na Inglaterra que surgiram as primeiras críticas em relação a cultura industrializada (Mattelart e Neveau 1997).
No período entre as duas guerras, Frank Raymond Leavis (1895-1978) passa a ser uma figura central na promoção de estudos de literatura inglesa. Funda em 1932 a revista *Scrutiny* que se converte no centro de uma cruzada moral e cultural contra o embrutecimento praticado pelos meios de comunicação e pela publicidade. O movimento, liderado por Leavis, propunha a leitura da grande tradição da ficção inglesa como antídoto para atacar a degeneração da cultura. No ensino, adverte-se aos alunos contra a força manipuladora da publicidade e a pobreza lingüística da imprensa popular.
Estes movimentos no âmbito da literatura inglesa são vistos enquanto um ambiente propício para o surgimento dos *cultural studies*.
- 6 Adoto, aqui, a observação de Fredric Jameson, “Sobre os ‘Estudos de Cultura’”, in *Novos Estudos - CEBRAP*, n 39, jul/1994, pp. 11- 48.

-
- 7 Seu primeiro número apareceu em 1972.
 - 8 Nasceu em 1918, passando sua infância no meio operário, sua origem. No final da II Guerra entra para a docência. Trabalha com formação de adultos do meio operário (*Workers Education Association*). Influenciado por Leavis e a revista *Scrutiny*, acaba afastando-se por dedicar-se às culturas populares de um modo mais condescendente. Fundador do *Centro* (CCCS), hoje, encontra-se de certa forma distante das evoluções político-intelectuais dos estudos culturais dos anos noventa.
 - 9 Aqui, é utilizada a versão em português *As utilizações da cultura: Aspectos da vida cultural da classe trabalhadora*, vol. I e II, Lisboa, Editora Presença, 1973.
 - 10 Nasceu no País de Gales (1921-1988), filho de um ferroviário. No final da II Guerra passa a ser tutor na Oxford University Delegacy for Extra-mural Studies devido a sua formação em literatura. A partir de 1958, quando publica *Culture and society*, dá vazão a sua produção intelectual. Sua posição teórica será sintetizada em *Marxism and literature* (1977) quando reivindica a construção de um “materialismo cultural”.
 - 11 Thompson (1924-1993) inicia sua vida como docente de um centro de educação permanente para adultos (WEA). Foi militante do Partido Comunista mas em 1956 rompe com o partido, convertendo-se num dos fundadores da *New Left Review*.
 - 12 De origem jamaicana, Hall (1932-) abandonou a Jamaica em 1951 para prosseguir seus estudos na Inglaterra. Inicia a docência em 1957 numa escola secundária onde os alunos vêm das classes populares. Tem uma forte atuação junto ao meio editorial político-intelectual britânico, como por exemplo na *Universities and Left Review* (década 50/60), *Marxism Today* (anos 80), *Sounding* (a partir de 1995), entre outras. A partir de 1979, atua na Open University, em Londres.
 - 13 O recorte da investigação das culturas populares e das audiências implementou este tipo de estratégia metodológica. Ver, por exemplo, capítulo sobre etnografia em Hall et al., 1980.
 - 14 Mais tarde, é a vez de David Morley com “Texts, readers, subjects” (1977-1978).
 - 15 Outro livro que recupera textos dos anos 80 sobre a mesma temática - audiência feminina e meios massivos - é o organizado por Mary Ellen Brown, *Television and women's culture: The politics of the popular*, Sage, 1990. Este apresenta trabalhos de Dorothy Hobson, Ien Ang, Virginia Nightingale, John Fiske, Andrea L. Press e outros.
 - 16 Considerados “clássicos” entre os estudos de audiência dos estudos culturais estão: D. Morley (1980) *The Nationwide audience*; do mesmo autor (1986) *Family television: Cultural power and domestic leisure*; Dorothy Hobson (1982) *Crossroads: The drama of a soap opera*; David Buckingham (1987) *Public secrets: EastEnders and its audience*; Ien Ang (1985) *Watching Dallas: Soap opera and the melodramatic imagination*; Bob Hodge and David Tripp (1986) *Children and television: A semiotic approach*; Janice Radway (1987) *Reading the romance: Women, patriarchy and popular literature*; John Tulloch and Albert Moran (1986) *Quality soap: A country practice*.
 - 17 É o caso de D. Morley, entre outros. Este desenvolveu uma pesquisa denominada *Nationwide*, publicada em 1980. Como continuação deste projeto, desenvolveu *Family Television*, trabalho publicado em 1986. *Nationwide* é um estudo de audiência conduzido através de entrevistas em grupo, fora de suas residências, isto é, as pessoas estavam fora do contexto onde normalmente ocorre a assistência da televisão e a produção de significados a partir de seus conteúdos. Em *Family Television*, o autor entrevistou famílias em suas próprias casas, pois é neste contexto que se deve entender as particularidades das respostas individuais a diferentes tipos de programação. Na sua opinião, o ato de ver TV necessita ser entendido dentro da estrutura e da dinâmica do processo doméstico de consumo do qual ele é parte.
Comentando a sequência destes dois estudos, Morley afirma que o ponto central concentra-se em pesquisar formas de recepção ou indiferença. “... esta é a questão fundamental a ser explorada mais do que a questão sobre qual interpretação as pessoas farão sobre um tipo dado de programa, se elas forem colocadas numa sala e perguntadas sobre sua interpretação. (...) E é por esta razão que a pertinência ou projeção sobre diferentes tipos de programas em diferentes membros da família ou membros da família de diferentes escalas sociais foram priorizadas nesta pesquisa [*Family Television*] sobre a questão das tendências de fazer leituras ou interpretações oposicionais, negociadas ou dominantes de tipos particulares de progra-

mas." Morley, "Research development: from 'decoding' to viewing context", p.137.

Metodologicamente, Morley defende que, em primeiro lugar, deve oferecer-se uma descrição adequadamente densa das complexidades desta atividade de "assistir TV" e que a perspectiva antropológica e etnográfica são de grande contribuição para alcançar este objetivo.

Sua sugestão é de que os estudos de audiência necessitam "investigar as formas nas quais uma variedade de meios de comunicação [media] está envolvida na produção da cultura popular e do conhecimento do terreno da vida cotidiana" (Morley, "Towards an ethnography of the television audience", p.195). Além disso, o autor coloca que "... a chave do desafio reside na nossa habilidade de construir a audiência tanto como um fenômeno social como semiológico (cultural) e na nossa habilidade de reconhecer a relação entre telespectadores e a TV, como eles são mediados por determinações cotidianas - e pelo envolvimento diário da audiência com todas as outras tecnologias, jogando um papel na condução e mediação da comunicação cotidiana. É dentro deste extenso campo de estudo que a pesquisa qualitativa de audiência deve agora ser desenvolvida" (Morley, "Towards an ethnography of the television audience", p.197).

Ver, entre outros textos, MORLEY, D. "Towards an ethnography of the television audience". In: *Television, Audiences and Cultural Studies*. Routledge: London and New York. Chapter 8. pp. 173-197; "Research development: from 'decoding' to viewing context" in *Television, Audiences and Cultural Studies*. Routledge: London and New York. Chapter 5. pp.133-137; "Quando il globale incontra il local davanti alla TV". *Problemi dell'Informazione*. Bologna, A. XVII, n 2, giugno 1992; "Changing paradigms in audience studies" in SEITER, Ellen, BORCHERS, Hans, KREUTZNER, Gabriele, WARTH, Eva-Maria *Remote Control: Television, audiences and cultural power*. (1994) London, Routledge; *Televisión, audiencias y estudios culturales*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996; "EurAm, modernity, reason and alterity: or, postmodernism and cultural studies" in Morley, D. and Kuan-Hsing Chen (eds), *Stuart Hall: Critical dialogues in Cultural Studies*, London, Routledge, 1996; JANCOVICH, Mark "David Morley, Los estudios de 'Natiowide'" in BARKER, Martin e BEEZER, Anne. *Introducción a los estudios culturales* (1994) Barcelona, Bosch Casa Editorial.

other european follies" in *Cultural Studies*, vol. 3, n. 2, 133-144.

BARKER, Martin e BEEZER, Anne. (1994) "Qué hay en un texto?" in BARKER, Martin e BEEZER, Anne (eds) *Introducción a los estudios culturales*, Barcelona, Bosch Casa Editorial.

CORNER, John. (1991) "Studying culture: reflections and assessments. An interview with Richard Hoggart" in *Media, Culture and Society*, vol. 13, SAGE, London, Newbury Park and New Delhi, 137-151.

CHEN, Kuan-Hsing. (1991) "Post-Marxism: between/beyond critical postmodernism and cultural studies" in *Media, Culture and Society*, vol. 13, SAGE, London, Newbury Park and New Delhi, 35-51.

CURRAN, James (1990) "The new revisionism in mass communication research: A reappraisal" in *European Journal of Communication*, vol 5, SAGE, London, Newbury Park and New Delhi, 135-164.

DAVIES, Ioan (1995) *Cultural Studies and beyond: Fragments of empire*. London/New York, Routledge.

DURING, Simon (ed). (1993) "Introduction" in *The Cultural Studies Reader*, London, Routledge.

GRIMSHAW, R., HOBSON, D., WILLIS, P. (1980) "Introduction to ethnography at the Centre" in HALL, S., HOBSON, D., LOWE, A., e WILLIS, P. (1980) *Culture, media, language: Working papers in Cultural Studies 1972-1979*. Routledge e Centre for Contemporary Cultural Studies/University of Birmingham, London e New York.

HALL, Stuart. (1980) "Cultural studies: Two paradigms" in *Media, Culture and Society*, vol. 2, n 1, SAGE, London, Newbury Park and New Delhi, 57-72.

HALL, Stuart. (1980) "Cultural Studies and the Centre: some problematics and problems" in HALL, S., HOBSON, D., LOWE, A., e WILLIS, P. (1980) *Culture, media, language - Working papers in Cultural Studies 1972-1979*. Routledge e Centre for Contemporary Cultural Studies/University of Birmingham, London e New York.

HALL, Stuart. (1980) "Introduction to Media at the Centre" in HALL, S., HOBSON, D., LOWE, A., e WILLIS, P. (1980) *Culture, media, language - Working papers in Cultural Studies*

Referências

ANG, Ien e MORLEY, David. (1989) "Mayonnaise culture and

-
- 1972-1979. Routledge e Centre for Contemporary Cultural Studies/University of Birmingham, London e New York.
- HOBSON, Dorothy. (1980) "Housewives and the mass media" in HALL, S., HOBSON, D., LOWE, A., e WILLIS, P. (1980) *Culture, media, language - Working papers in Cultural Studies 1972-1979*. Routledge e Centre for Contemporary Cultural Studies/University of Birmingham, London e New York.
- JAMESON, Frederic. "Sobre os 'Estudos de Cultura'" in *Novos Estudos*, CEBRAP, n 39, jul/1994, pp. 11-48.
- KREUTZNER, Gabriele (1989) "On doing Cultural Studies in West Germany" in *Cultural Studies*, vol. 3, n. 2, 240-249.
- MATTELART, A. e NEVEAU, E. (1997) "La institucionalización de los estudios de la comunicación" in *Revista Telos*, n. 49, FUNDESCO.
- MELLOR, Adrian. (1992) "Discipline and punish? Cultural studies at the crossroads" in *Media, Culture and Society*, vol. 14, SAGE, London, Newbury Park and New Delhi, 663-670.
- MORLEY, D. and CHEN, Kuan-Hsing (eds). *Stuart Hall - Critical Dialogues in Cultural Studies*, London, Routledge.
- MORLEY, David. (1980) "Texts, readers, subjects" in HALL, S., HOBSON, D., LOWE, A., e WILLIS, P. (1980) *Culture, media, language - Working papers in Cultural Studies 1972-1979*. Routledge e Centre for Contemporary Cultural Studies/University of Birmingham, London e New York.
- MURDOCK, G. (1993) "Communications and the constitution of modernity" in *Media, Culture and Society*, vol. 15, SAGE, London, Newbury park and New Delhi, 521-539.
- MURDOCK, G. (1995) "Across the Great Divide: Cultural analysis and the condition of democracy" in *Critical Studies in Mass Communication*, 12, 89-95.
- TURNER, Graeme. (1990) *British Cultural Studies: An Introduction*. Boston, Unwin Hyman.
- WILLIS, Paul. (1980) "Notes on method" in HALL, S., HOBSON, D., LOWE, A., e WILLIS, P. (1980) *Culture, media, language - Working papers in Cultural Studies 1972-1979*. Routledge e Centre for Contemporary Cultural Studies/University of Birmingham, London e New York.
- YUDICE, George. "O 'Estado das Artes' dos Estudos Culturais" (1993) in MESSEDER, Carlos Alberto e FAUSTO, Antonio (orgs.), *Comunicação e cultura contemporâneas*, Rio de Janeiro, Notrya.